

DR. DEAN RADIN

Especialista em Parapsicologia



MAGIA VERDADEIRA

DA SABEDORIA ANTIGA À CIÊNCIA MODERNA:
UM GUIA PARA O PODER SECRETO DO UNIVERSO



*Aos meus bem-fadados pais, Hilda (1923–2017) e Jerry,
que celebraram 73 anos de casamento em 2017;
à Susie, a minha encantadora mulher,
e aos nossos dois cãezinhos,
que ficam enfeitiçados com objetos em movimento, sobretudo gatos.*

Índice

Prefácio.....	11
Capítulo 1: Início.....	15
Capítulo 2: Ciência e Magia?.....	25
Capítulo 3: Mistura Mágica.....	33
Capítulo 4: Origens da Magia.....	49
Capítulo 5: Prática da Magia.....	85
Capítulo 6: Provas Científicas.....	105
Capítulo 7: Mágicos da Classe de Merlin.....	179
Capítulo 8: A Caminho de Uma Ciência da Magia.....	193
Capítulo 9: Considerações Finais.....	221
Notas.....	233
Agradecimentos.....	269

Prefácio

Editorial, Província de Nova Seattle, 1 de junho de 2915. Foi hoje descoberto um fragmento de um ficheiro digitalizado antigo numa escavação arqueológica da região outrora conhecida como Noroeste Americano. A datação exata do fragmento é indeterminada devido a alguma deterioração, mas calcula-se que remonte a inícios do século XXIII. Aparentemente, trata-se de um editorial da já extinta agência noticiosa Galactica Today. Reza assim:

É difícil calcular como terá sido viver no início do século XXI. O clima estava a tornar-se descontrolado, os surtos virais eram endémicos e a economia mundial estava em crise. A população deu ouvidos a demagogos que prometiam futuros grandiosos e irrealistas. À medida que a ordem pública se deteriorava, os ressentimentos latentes deram azo a nacionalismos e, posteriormente, a tribalismos, o que acelerou o pandemónio.

Só em meados do século XXI, no extremo da crise, começaram a surgir vestígios de uma solução. A necessidade fraturara os dogmas científicos arraigados, criando espaço para que se ouvissem novas ideias. Os debates resultantes revelaram que as múltiplas ameaças eram reflexos de um único dilema subjacente — um impasse que as novas tecnologias não podiam resolver. O problema estava enraizado no entendimento erróneo da consciência (que, como sabemos, é o elemento básico que sustenta o tecido da realidade) por parte dos seres humanos. Em inícios do século XXI, este facto era alvo de uma troça generalizada, pois evocava medos e preconceitos

ancestrais a respeito daquilo que os cientistas da época designavam ingenuamente como *magia*. Foram precisas muitas gerações para ultrapassar esses medos.

Atualmente, existe um consenso entre os historiadores de que a situação se inverteu por volta do ano de 2095, quando Hilda Ramirez, da Universidade Estadual de Hunan, demonstrou pela primeira vez de forma conclusiva a plasticidade da realidade física. As suas provas de que a velocidade da luz e outras constantes físicas eram pressupostos mentais, e não absolutos invioláveis, propiciaram um caminho inequívoco no sentido da harmonia global.

Em meados do século XXII, a teoria da quase-holografia de Olga von Diesel — hoje conhecida em linguagem comum como *neomagia* — situou inequivocamente a consciência num contínuo de que fazem parte a matéria e a energia. Não tardou até serem criados os primeiros magos geneticamente aperfeiçoados, que até na infância conseguiram controlar com rapidez fenómenos meteorológicos extremos. Em 2160 foi fundada a Federação Mundial de Magos e neomágicos de todo o mundo foram incumbidos de restabelecer o clima, estabilizar a economia mundial e erradicar as doenças.

No entanto, o que os nossos heroicos antepassados não previram foi uma das consequências acidentais da popularização da neomagia, sobretudo entre os jovens. No passado, os adolescentes tinham manifestado a sua angústia cometendo atos de rebeldia artística em espaços públicos. Essas representações — a que os nossos antepassados chamavam *graffiti* — estão presentes em todos os registos históricos, desde os esboços toscos nas paredes das grutas pré-históricas de Leang Timpuseng na Indonésia até aos desenhos eróticos holográficos na zona inferior da Estação Espacial Titan. Esta «arte» adolescente foi sempre uma maçada, mas pelo menos podia ser apagada.

Atualmente, com o aumento dos *graffiti* neomágicos, estamos perante um problema mais grave. As traquinices juvenis, como a última moda de transformar candeeiros de rua em flores carnívoras de várias cores, já não são apenas incómodas. Constituem um

perigo grave para os transeuntes. Temos de pôr cobro a este comportamento infantil antes que coloque em risco a ordem social (...)

A partir daqui o registo é ilegível, mas a preocupação manifestada é inequívoca. Compreendemos os nossos antepassados, pois os jovens magos da atualidade têm dificuldade em acreditar que há apenas alguns séculos a maioria das pessoas vivia na ignorância do poder da consciência. Viveram durante tempos difíceis, em que as mentes mais eruditas se tinham convencido, apesar de inúmeras provas em contrário, de que a realidade derivava apenas de várias fontes de energia. Os seus instrumentos rudimentares eram incapazes de detetar a malha multi-dimensional da consciência. Foram precisos progressos radicais a nível teórico e o desenvolvimento da noosfera para se criar uma imagem mais abrangente da realidade.

Sabemos agora que o universo é muito mais flexível do que os nossos antepassados poderiam acreditar, mas continuamos a enfrentar um dilema preocupante. Os jovens rebeldes continuam a poluir irrefletidamente a paisagem mental com formas insurretas de pensamento. Algumas pessoas até advertem que estas novas formas de *graffiti* podem estar a alterar a História. Um exemplo dessa preocupação envolve a famosa estátua da Ilha da Liberdade, no porto de Nova Iorque. Existem indícios no registo cronológico de que a nossa tão estimada estátua, o Filodendro da Liberdade, tenha outrora sido uma grande mulher verde, em vez da enorme planta verde que estimamos há vários séculos. O facto de termos venerado a estátua de uma mulher verde parece ridículo. Porém, se a História está a ser alterada, nunca saberemos ao certo. Não obstante, as consequências de mudar a História representam um perigo tão grave que, por cautela, instamos todos os magos anciãos a lançarem feitiços que ponham cobro a essas partidas imaturas, antes que coloquem em risco a nossa própria existência.

Capítulo 1

Início

Este livro é sobre magia.

Não sobre a magia ficcional de Harry Potter, a pseudomagia de Harry Houdini, ou a magia fraudulenta dos vigaristas. Não sobre raios azuis a surgirem da ponta dos dedos, combates aéreos com vassouras, truques de malabarismo, ou quaisquer outras maquinações de liberdade artística e efeitos especiais.

É sobre magia *real*.

Os ocultistas por vezes recorrem à ortografia *magick*, do inglês antigo, para distinguir a magia ficcional e de palco da genuína. De modo a evitar associações desnecessárias com o ocultismo, utilizaremos o termo mais comum: *magia*.

A magia real divide-se em três categorias: influência mental do mundo físico, percepção de acontecimentos distantes no espaço ou no tempo, e interações com entidades não-físicas. Designarei o primeiro tipo como *força de vontade* — está associado ao lançamento de feitiços e outras técnicas destinadas a influenciar intencionalmente acontecimentos ou ações. O segundo é a *divinação* — está associado a práticas como a leitura das cartas de tarô e espelhos. O terceiro é a *teurgia*, cuja etimologia grega significa «trabalho divino» — envolve métodos para evocar e comunicar com espíritos.

Ao contrário dos livros que discutem crenças relativas à magia a partir de perspetivas psicológicas ou históricas, ou que listam receitas para o lançamento de feitiços, o objetivo aqui é explorar a magia verdadeira partindo de uma perspetiva científica com base em provas. Porquê uma abordagem científica? A maioria dos manuais universitários não

transmite essa informação, mas existe uma vasta literatura científica que fundamenta o nosso entendimento da magia real. Quando andei na universidade, nenhum dos meus manuais mencionava essa literatura. Agora, porém, após quatro décadas de estudo experimental da magia, motivado por curiosidade científica e sem antecedentes religiosos que me pudessem tornar propenso a um favorecimento claro dos conceitos metafísicos, cheguei a duas conclusões.

Em primeiro lugar, não há dúvida de que a ciência é o instrumento mais exato que a humanidade desenvolveu até agora para observar a realidade. O que descobrimos coletivamente sobre a natureza da Natureza ao longo dos últimos três a quatro séculos, do quantum à cosmologia, constitui um testemunho imponente da nossa criatividade e imaginação. As tecnologias baseadas nesse conhecimento provam que as nossas descobertas são válidas. Assim, quando abordamos a magia real, seria tolo descartar o que já aprendemos.

No entanto, em segundo lugar, a realidade vista através da ciência é uma amostra extremamente limitada do conjunto total. A ciência está muito concentrada no mundo objetivo, mensurável, físico. Essa concentração exclui o único aspeto de que podemos ter a certeza — a nossa *consciência*, essa centelha interior de senciência a que chamamos o «eu».

Apesar de a ciência enquanto prática se ter focado sobretudo no mundo objetivo, os métodos científicos são extremamente poderosos. Logo, se o desejarmos, podemos redirecionar a nossa observação para o interior e explorar as capacidades da consciência. Quando tal acontece, ficamos perplexos por encontrar domínios de conhecimento totalmente novos. Uma das consequências de assumir essa perspectiva interior é o facto de a magia passar de uma fantasia impossível a um aspeto da Natureza que podemos começar a estudar. Desse ponto de vista, termos como *paranormal* e *sobrenatural* são vistos como antiquados e arcaicos, da mesma forma que a medicina moderna já não precisa do conceito de «maus humores» quando discute as origens das doenças.

Vamos explorar este novo domínio do conhecimento através de dois conceitos principais. Em primeiro lugar, com base num conjunto substancial de dados experimentais, podemos afirmar com um nível elevado de confiança que a magia existe. Em segundo, existem tendências crescentes

na ciência indicativas de que aquilo a que outrora chamávamos «magia» está prestes a evoluir para uma nova disciplina científica, tal como a astrologia medieval e a alquimia evoluíram até se tornarem a astronomia e química atuais. A nova disciplina será o estudo da natureza psicofísica da realidade, esse espaço misterioso e intersticial que cintila entre a mente e matéria. Para percebermos como funciona esse espaço enigmático de forma coerente com o resto da ciência será necessária uma nova cosmovisão — o instrumento a que recorreremos para entender a realidade.

Outro tema que discutiremos é o facto de a magia não ter desaparecido milagrosamente com a ascensão da cosmovisão científica. A magia ainda está intensamente presente. As orações representam uma forma de magia intencional, um ato mental destinado a afetar o mundo de algum modo. Usar um símbolo sagrado também é uma forma de favorecer a magia, uma correspondência simbólica que alegadamente transcende o tempo e o espaço. Muitos rituais religiosos constituem formas de magia ritual antiga. Os inúmeros livros sobre o poder das afirmações e do pensamento positivo baseiam-se, na sua totalidade, em princípios mágicos ancestrais.

Do ponto de vista da ciência convencional, estas práticas generalizadas são consideradas exemplos de um pensamento mágico infantil, contos de fadas. Alguns cientistas chegam a utilizar o termo *magia* como sinónimo de *disparate*, uma vez que implica a ideia pavorosa a nível científico de que algumas coisas «se limitam a acontecer» sem uma causa identificável ou plausível. Porém, a magia não significa «ausência de causa». Significa apenas que ainda não criámos teorias cientificamente aceitáveis que expliquem esses efeitos. Como veremos adiante, já existem indícios importantes que podem conduzir a tais teorias, pelo que é melhor não pensarmos na magia real como algo proibitivamente misterioso, mas como prenunciadora do futuro da ciência.

A Magia Está em Todo o Lado

A possibilidade de a magia ser real pode ser extremamente perturbante para quem preferia que ela não existisse. Veja-se o exemplo de A. J. Ayer

(Sir Alfred Jules Ayer, 1910–1989), um ilustre filósofo britânico que se especializou no positivismo lógico, uma postura filosófica crítica que rejeita liminarmente qualquer tipo de conceito metafísico, religioso ou mágico. Como seria de esperar, Ayer era um ateu inveterado. Aos 77 anos, faleceu. Felizmente, foi ressuscitado e, para espanto geral, relatou uma experiência de quase-morte (EQM), que descreveu como:

Tentativas sucessivas de atravessar um rio e «uma luz vermelha, extremamente intensa e também muito dolorosa... responsável pelo controlo do universo». Ayer manteve o seu ateísmo, mas declarou que a experiência tinha «enfraquecido ligeiramente» a sua convicção de que a morte «será o meu final».¹

O facto de Ayer ter relatado esta experiência é mais surpreendente do que possa parecer. Os homens que toda a vida foram positivistas lógicos são duros. Não «enfraquecem ligeiramente» as suas posições intelectuais por qualquer motivo. A ligação entre a magia e a EQM de Ayer é a teurgia, a terceira categoria da magia. As EQM sugerem que podem existir formas de consciência incorpórea, ou espíritos. As inúmeras pessoas que passaram por uma EQM têm praticamente a certeza de que esses espíritos existem.² No entanto, ainda não existe uma forma estritamente objetiva de saber se essa é a única interpretação *viável*. Trataremos esta questão mais a fundo posteriormente.

Outro exemplo da intrusão da magia no mundo quotidiano envolve William Friedkin, o realizador do filme *O Exorcista*. Antes de rodar o seu famoso filme, Friedkin nunca testemunhara um exorcismo; depois, decidiu fazê-lo. Passou algum tempo com o Padre Gabriel Armoth, um exorcista do Vaticano. A sua experiência com o Padre Amorth não venceu o seu agnosticismo. Contudo, quando mostrou a filmagem de um exorcismo assustador a três neurocientistas de renome e a três psiquiatras e *não* obteve a rejeição cabal que esperava desses peritos, «ficou com um medo infernal».³

Um terceiro exemplo é o historiador Michael Shermer, um eminente cético face a todos os aspetos paranormais. Na coluna que Shermer escreveu em setembro de 2016 para a revista *Scientific American*, perguntou:

«É possível mensurar fenómenos sobrenaturais ou paranormais?»
A sua resposta foi um «não» inequívoco:

Quando o conhecido se mistura com o desconhecido, temos a tentação de recorrer a forças paranormais e sobrenaturais para explicar mistérios por resolver. Temos de resistir a essa tentação, pois tais esforços nunca podem ser bem-sucedidos, nem sequer em teoria.⁴

«Nem sequer em teoria» faz lembrar um gracejo atribuído a Mark Twain: «Não é o que não sabemos que nos arranja problemas. É aquilo que temos a certeza de que não é assim.»⁵ Shermer justificou a sua confiança citando Sean Carroll, um físico do Instituto de Tecnologia da Califórnia, pois Carroll concluíra que as leis da física «descartam a possibilidade de verdadeiros poderes psíquicos». Porquê? Porque, prosseguiu Shermer, «as partículas e forças da natureza não nos permitem dobrar colheres, levitar ou ler a mente dos outros». Além disso, segundo Carroll:

Sabemos que não existem novas partículas ou forças por descobrir que os justificassem. Não é apenas porque ainda não as encontramos, mas porque sem dúvida já as teríamos encontrado se tivessem as características certas para nos conceder os poderes necessários.⁶

Ignorando o que a História nos ensina a respeito de irmos a público manifestar ideias deste género, Shermer concluiu com convicção que a busca de forças paranormais ou sobrenaturais «nunca poderá ser bem-sucedida». Com esse comentário, encerrou o assunto perentoriamente.

Até aqui, trata-se de um caso típico de ceticismo. No entanto, o aspeto encaracterístico desta história é o facto de dois anos antes de encerrar o assunto, Shermer ter recomendado exatamente o contrário. Na sua coluna de outubro de 2014 na revista *Scientific American*, principiara com a seguinte confissão surpreendente:

Perguntam-me frequentemente se alguma vez me deparei com alguma coisa que não conseguisse explicar. O que os meus interlocutores têm em mente não são enigmas insondáveis como a consciência ou a política externa dos EUA, mas acontecimentos anómalos e intrigantes que sugeriram a existência do paranormal ou do sobrenatural. A minha resposta é: sim, agora já me deparei.⁷

Em seguida descreve algo que aconteceu em junho de 2014, quando planeava casar com a noiva, Jennifer Graf. O avô de Graf tinha sido a pessoa mais semelhante a uma figura paterna que tivera, mas falecera tragicamente quando ela tinha 16 anos. Uma das poucas coisas que herdara do avô era um rádio a pilhas *Philips* de 1978. Shermer tentou pô-lo a trabalhar. Colocou-lhe pilhas novas, procurou fios desligados e experimentou bater com ele numa superfície dura. Ainda assim, não funcionava. Desistindo da tarefa, colocou-o no fundo da gaveta de uma cómoda no quarto.

Três meses depois, Shermer e Graf casavam, na sua casa na Califórnia. A noiva estava triste por o avô não estar lá para a levar ao altar. Depois da cerimónia do casamento, aconteceu algo de estranho. Ouviram música. Perceberam que vinha da gaveta da cómoda que estava no quarto. Era o rádio do avô, a tocar uma canção de amor.

Ficaram tão estupefactos que não conseguiram dizer nada. Por fim, Graf sussurrou: «O meu avô está aqui connosco. Não estou sozinha.» O rádio continuou a tocar noite adentro até ao dia seguinte e nunca mais voltou a funcionar. A reação de Shermer foi: «Tenho de admitir que me abalou e fez vacilar profundamente o meu ceticismo.» Por conseguinte, escreveu, ainda sob o efeito do deslumbramento:

[Se] é verdade que devemos levar a sério a doutrina científica que nos ensina a manter uma mente aberta e a mantermo-nos agnósticos quando as provas são inconclusivas ou o enigma é insolúvel, também não devemos encerrar as portas da percepção quando se nos abrem para contemplarmos algo misterioso.

O que aconteceu nos dois anos entre esta proposta modesta instando a uma abertura perante algo misterioso e o momento em que encerrou cabalmente o assunto? Não posso especular quanto à mudança de opinião de Shermer, mas não há dúvidas quanto ao seguinte: quando nos deparamos com um acontecimento que abala as nossas convicções, é comum esquecermo-lo prontamente, ou até negar que aconteceu. Os psicólogos utilizam o termo *repressão* para descrever casos assim.⁸ Como referiu o mágico Peter Carroll: «Quando são confrontadas com acontecimentos de magia verdadeira, as pessoas, de alguma forma, conseguem nem reparar. Se forem forçadas a reparar em algo inegavelmente mágico, podem ficar assustadas, enjoadas e doentes.»⁹

A experiência de Shermer sugere que a magia real está sempre presente, à espera pacientemente sob a superfície calma do mundo quotidiano. De vez em quando, os seus tentáculos roçam-nos as pernas, causando-nos arrepios pela coluna acima. É essa qualidade eletrizante que torna a ficção mágica tão cativante, o ilusionismo sempre interessante e as fraudes de magia tão fáceis de cometer.

A palavra *magia* deriva do termo grego *magos*, relativo aos membros de uma classe erudita e sacerdotal, que por sua vez deriva da palavra *magush* do persa antigo, cujo significado é «ser capaz» ou «ter o poder». No início do século XIX, a palavra *magia* assumiu igualmente a conotação de entretenimento, deleite ou atração. A *magia* também sugere o exótico, o estranho, ou o «outro». Esta conotação é um motivo importante para o apelo persistente da magia. Porém, esse apelo manifesta-se muitas vezes de forma semelhante a assistir a um acidente de viação — é simultaneamente cativante e repulsivo. Como é evidente, a *nossa* magia, que constitui uma faceta essencial da *nossa* prática religiosa, é fascinante e totalmente aceitável. No entanto, as práticas *dos outros* são perigosas, escandalosas e maléficas.

A propósito, a palavra *fascinar* deriva do latim *fascinatus*, que significa «enfeitiçar ou encantar». Os termos *enfeitiçar* e *encantar* têm aproximadamente o mesmo sentido que *magia*, bem como as palavras *charme* e *glamour*. A magia está por todo o lado.

Poder

À semelhança de tempos idos, muitas das pessoas que atualmente se interessam por magia são motivadas pelo desejo de exercer poder — o poder de conquistar riqueza, fama, amor ou sexo. Todas estas utilizações são possíveis e existem inúmeros livros, vídeos, páginas da Internet e aplicações de telemóvel que apresentam receitas para rituais mágicos e feitiços.

Alguns indivíduos, sobretudo aqueles que seguem uma fé religiosa ortodoxa, podem sentir repulsa pela noção de lançar feitiços. Muitas religiões tradicionais professam que a magia e a bruxaria são essencialmente demoníacas e maléficas. No entanto, a forma como a magia é utilizada está totalmente dependente do mágico. O poder em si, como qualquer força essencial do universo, é neutro a nível moral. A fissão e fusão atómicas representam apenas aspetos do modo como o mundo físico funciona. As questões de moralidade surgem quando utilizamos esses fenómenos naturais para criar armas.

O poder mágico destinado a manipular ou explorar os outros chama-se *magia negra*. É algo extremamente apelativo porque, como escreve o filósofo existencialista Jean-Paul Sartre: «O Inferno são os outros.»¹⁰ Ou seja, enquanto seres sociais, temos de depender de outros que podem ou não estar interessados na nossa vontade, o que pode conduzir facilmente a conflitos pessoais. A utilização da magia para resolver estes conflitos constitui uma violação flagrante da Regra de Ouro, pelo que é imoral.

A propósito, as orações destinadas a prejudicar os outros também representam casos claros de magia negra. Os cristãos de extrema-direita dos Estados Unidos estão sempre a fazer campanha contra os males demoníacos da bruxaria. Contudo, ao mesmo tempo, rezam intensamente para influenciar os outros. Por exemplo, um desses indivíduos anunciou durante os debates presidenciais norte-americanos de 2016 que estava a rezar «para que a confusão tolhesse a mente de Hillary Clinton e o medo a acometesse».¹¹ Depois, os mágicos cerimoniais descontentes com o resultado das eleições divulgaram «um feitiço para restringir Donald Trump e todos os seus apoiantes».¹² Este tipo de feitiço

faz parte de uma tradição ancestral chamada magia de *defixiones*. Destina-se a restringir ou limitar a ação do alvo do feitiço. Algumas pessoas defendem que um feitiço restritivo não é magia negra porque não se destina a prejudicar um indivíduo — o seu objetivo é impedir que essa pessoa prejudique ou ameace outras. Esta lógica demonstra o raciocínio ambíguo que justifica o recurso à magia numa zona cinzenta, algures entre o branco e o negro.

No tocante às consequências da prática da magia negra, pense em Darth Vader do *Star Wars*, em Sméagol de *O Senhor dos Anéis*, ou na lenda de Fausto.¹³ Essas histórias não acabam bem. Na cosmovisão mágica, tudo está profundamente interligado. Logo, se pretender prejudicar os outros, é provável que acabe por se prejudicar a si mesmo. O motivo não é apenas uma consciência pesada, mas sobretudo a terceira lei de Newton: para cada ação, existe uma reação oposta e de igual intensidade. Digamos que seria muito sensato evitar a magia negra.

Posteriormente, iremos analisar algumas práticas de magia que pode experimentar, para lhe abrir o apetite, mas esta obra não pretende ser um manual de instruções. O nosso interesse está mais centrado em questões básicas, como: Será possível estudar a magia através de princípios e métodos científicos? O que nos dizem os dados disponíveis sobre a realidade da magia? Existem, na ciência atual, indícios de *como* funciona a magia?

Para Onde Vamos

No Capítulo 2 irei descrever a minha surpresa quando me dei conta que andava a estudar magia há cerca de quatro décadas sem me aperceber. Depois, analisarei um conjunto variado de tópicos sobre magia, da cultura popular ao estudo erudito da magia, ao motivo de a magia ser simultaneamente cativante e assustadora, aos horrores persistentes das caças às bruxas e ao motivo de não conseguirmos deixar de ter pensamentos mágicos (Capítulo 3). Em seguida, apresentarei uma visão geral da história das tradições esotéricas, pois é aí que encontraremos pistas sobre o funcionamento da magia (Capítulo 4).

Posteriormente (Capítulo 5), iremos examinar algumas práticas básicas de magia e a seguir discutiremos algumas das provas científicas da magia (Capítulo 6). Veremos que os resultados da aplicação da maioria dos testes científicos aos princípios mágicos são extremamente significativos a nível estatístico, mas em geral de dimensões reduzidas. Por conseguinte, seguiremos esse capítulo com estudos de casos relativos a três mágicos da classe de Merlin do mundo real. Iremos observar que os efeitos normalmente observados em laboratório podem alcançar dimensões espantosas em pessoas raras de enorme talento (Capítulo 7).

Esse tema irá conduzir-nos à discussão de como funciona a magia (Capítulo 8), o que inclui tópicos como os fundamentos metafísicos da ciência, as hierarquias de conhecimento que a ciência utiliza para compartimentar a realidade em disciplinas isoladas, as tendências da ciência, bem como o motivo de tudo isso originar a uma nova cosmologia coerente com a ciência e a magia. Depois, concluiremos com robôs místicos que levitam, entre outras coisas (Capítulo 9).

Capítulo 2

Ciência e Magia?

«Acreditar que a magia acabará por desaparecer
não passa de uma ilusão.»

OWEN DAVIES

Há cerca de 40 anos que estudo a magia de um ponto de vista científico. Durante os primeiros 39 anos, teria negado veementemente esta afirmação. A magia está associada a contos de fadas, ao Harry Potter e a ilusões de palco em Las Vegas. Tudo isso são fantasias, muito boas para entreter, mas os cientistas não se interessam por ficções inconsequentes. Como referiu Peter Venkman (um personagem do filme *Caça-Fantasmas* de 1984) para provar que era um tipo sério: «Afasta-te, meu, sou cientista.»

A minha educação formal incluiu música, física, engenharia elétrica e psicologia. Numa pós-graduação da Universidade de Illinois, Urbana-Champaign, estudei cibernética, simulações computadorizadas de processos cognitivos, bem como inteligência artificial. Esse *campus* universitário fica nas planícies de Illinois. No verão, ouvíamos quase todos os dias ao fim da tarde uma sirene de alerta de tornados. Por vezes, chegávamos a ver um tornado a vir na nossa direção. Ver o céu a contorcer-se e a vir na nossa direção é fantástico, mas também extremamente assustador, pelo que, durante esses episódios, dei por mim a desejar com determinação que o tornado se encaminhasse para outro lado. Mesmo em pleno pensamento mágico radical, sabia que os meus desejos eram apenas uma forma de lidar com a proximidade do perigo.

Depois da pós-graduação, durante grande parte da minha carreira profissional, concentrei-me nas relações entre o cérebro, a mente (as nossas capacidades cognitivas e perceptivas) e a consciência. Desses três fatores, achei a consciência o mais interessante, pois suscita um problema intrigante: como é que o pedaço de 1,350 kg de tecido neural que tenho na cabeça dá origem à consciência a que chamo o «eu»? Este «problema da mente/corpo» foi alvo de um debate aceso entre filósofos durante milhares de anos e permanece um dos principais enigmas da ciência atual.¹⁴ O que é a consciência, de onde vem e qual é o seu objetivo?

Ninguém sabe.

Nem sequer sabemos se o modo como estamos a colocar a pergunta está no caminho certo. Talvez a consciência seja gerada pelo cérebro, talvez não seja. Alguns neurofilósofos nem sequer acreditam que a consciência exista. Consideram que a consciência é uma ilusão centrada no cérebro.¹⁵

O que sabemos *de facto* é que sem a consciência não existiria um «você» para experienciar a leitura desta frase. Que solitário seria o universo se, em última análise, fôssemos apenas «máquinas feitas de carne», a simular a leitura para um público inconsciente que nem sequer se apercebe de que *é* o público. Talvez o leitor já comece a perceber o motivo para a compreensão da natureza e propósito da consciência ter mantido várias gerações de filósofos a gritar entusiasticamente uns aos outros.

Existem três abordagens convencionais ao estudo da consciência. Os filósofos analisam os conceitos, lógica e pressupostos utilizados para descrever a consciência. Os cientistas estudam a consciência do exterior para o interior, normalmente medindo a atividade do cérebro e do corpo, ou pedindo às pessoas para relatarem as suas experiências. Os meditadores estudam a consciência do interior para o exterior, através da introspeção.¹⁶ Já utilizei os três métodos, mas concentrei-me numa quarta abordagem, menos convencional.

Investigo fenómenos que põem em causa pressupostos comuns a respeito da relação entre o cérebro e a mente. Faço-o através do estudo de fenómenos psíquicos, por vezes abreviados como *psi*.¹⁷ As experiências

psi foram designadas como *telepatia* (imagens ou emoções partilhadas entre mentes à distância), *clarividência* (percepção de eventos ou imagens distantes), precognição (percepção de acontecimentos ou imagens distantes através do tempo) e *psicocinese* (influência de sistemas distantes através de intenção mental). Estes tópicos são estudados no âmbito de uma disciplina conhecida como *parapsicologia*.

Para o público em geral, a parapsicologia está associada a histórias fascinantes dos jornais sensacionalistas sobre o papel do Pé Grande nos Illuminati, alianças secretas entre óvnis e a *Transportation Security Administration* dos EUA, extraterrestres em conluio com o governo sombra, etc. Estas histórias são divertidas de ler enquanto esperamos na fila do supermercado. No entanto, de um ponto de vista convencional, só uma minoria de loucos é que as leva a sério. A associação entre os fenómenos psi e as notícias dos jornais sensacionalistas é mais do que irritante — constitui um grande problema. Essa ligação falsa, mas *apreendida* é aterradora para as pessoas cuja carreira depende da credibilidade e, na ciência, a credibilidade é essencial.

Por isso, todos os cientistas novatos aprendem a manter sempre uma postura séria, sóbria, mesmo quando estão a usar secretamente roupa interior do Homem-Aranha. As pessoas mais tristes do mundo são os professores assistentes das universidades com aspirações a professores agregados, pois estão proibidos de sorrir em público, de fazer piadas ou de manter contacto visual, e não podem de forma alguma ser vistos como tendo o mínimo interesse nas histórias dos jornais sensacionalistas. É um suicídio arriscarmos mais de 20 anos de formação e treino por sermos notados por termos demasiada simpatia por temas controversos.

Pode pensar que estou a exagerar, mas não. Assisti uma vez a uma pequena reunião com o diretor de uma importante organização de financiamento, um ilustre investigador neurocientista, um professor assistente de uma das universidades de maior prestígio, e várias outras pessoas. Estávamos a discutir a investigação psi. A determinado momento, o ilustre neurocientista apercebeu-se de que não fazia ideia do que estávamos a falar e perguntou: «O que é a parapsicologia?» Antes que eu pudesse responder, o professor assistente sorriu e exclamou:

«Ah, é tipo a procura do Pé Grande.» Eu sabia que ele tinha assistido a apresentações sobre a investigação psi e que até realizara as suas próprias experiências desses fenómenos. Por conseguinte, sabia muito bem que acabara de dizer algo de ridículo. No entanto, disse-o para o famoso neurocientista saber que ele não fazia parte *daquele* grupo de tolos.

O resultado deste tabu social é o facto de a maioria dos cientistas das universidades evitarem a parapsicologia como se fosse uma estirpe virulenta de uma praga *zombie*. Se têm um interesse secreto pelos fenómenos psíquicos (e muitos têm), primeiro obrigam todos os presentes a jurar manter segredo, e depois abordam o assunto lentamente, enquanto usam um fato NBQ completo, com vários álibis criados de antemão para possibilitar uma negação plausível.¹⁸

É pena, porque a parapsicologia envolve a aplicação de métodos científicos e académicos ortodoxos a um grupo de experiências humanas registadas com grande frequência, mas muito mal compreendidas.¹⁹ É só isso. Os *tópicos* estudados podem dar ataques de alergia a algumas pessoas, mas os métodos utilizados são transparentes e totalmente ortodoxos.

Devido ao que os parapsicólogos fazem *de facto*, ao contrário do que algumas pessoas imaginam que eles fazem, a organização internacional de parapsicólogos (chamada Associação de Parapsicologia) foi escolhida para ser filial da maior organização científica tradicional do mundo, a Associação Americana para o Avanço da Ciência (AAAS na sigla inglesa). A Associação de Parapsicologia é uma das «252 associações e academias de ciência» da AAAS, «com mais de 10 milhões de membros, representando a maior federação de associações científicas e de engenharia do mundo».²⁰

Considerarei que os objetivos da Associação de Parapsicologia (recorrendo às ferramentas da ciência e da investigação académica para explorar rigorosamente essas experiências estranhas, mas tão frequentes, a que chamamos psi) estavam em consonância total com as aspirações mais elevadas da ciência. Por isso, aderi à organização, fiz parte da direção durante muitos anos e fui eleito seu presidente cinco vezes.²¹ Ainda sou membro ativo.

O que tem isto a ver com magia?

Depois de décadas a realizar experiências com fenómenos psi, a publicar muitos artigos em revistas especializadas em que descrevia os resultados, bem como a comentar milhares de outras experiências nos meus livros mais conhecidos (*The Conscious Universe*, *Mentes Entrelaçadas* e *Supernormal*), acabei por aceitar que os fenómenos psi são reais. Baseei a minha avaliação no facto de a telepatia, a clarividência, a precognição e os efeitos psicocinéticos terem todos sido recriados independentemente em laboratórios de todo o mundo. Os efeitos que vemos no laboratório tendem a ser bastante diminutos, pois têm de ser demonstrados a pedido e em condições estritamente controladas. Contudo, a magnitude de um efeito é irrelevante quando estamos interessados no facto de esses efeitos *existirem*.

Para a maioria dos investigadores atuais de psi, a questão existencial já não é interessante, porque os dados são claros. Quem, no tocante a este domínio, possui um conhecimento limitado às polémicas escritas por cétricos inflexíveis está, como seria de esperar, cheio de incertezas. Por vezes, os cétricos apresentam críticas construtivas, que podem ser muito úteis para aperfeiçoar os métodos de investigação. Porém, muitos críticos são estranhamente irracionais e demasiado emotivos. A controvérsia dá sempre azo à discórdia, mas existe algo de específico nos fenómenos psi que parece levar cientistas habitualmente calmos e racionais a ultrapassar os limites da educação e a entrar em investidas coléricas e descontroladas.

Algumas dessas reações excessivas podem ser entendidas como um sintoma de um choque ideológico. Em geral, esta expressão refere-se ao embate de convicções políticas ou religiosas opostas, mas a ciência também possui as suas ideologias. Se alguém aprender que as experiências psi só podem ser ilusões, pois os fenómenos psi verdadeiros violariam uma ou várias «leis» da ciência, então qualquer prova apresentada em contrário pode gerar um sentimento de pânico, semelhante à reação imunológica do corpo a um alérgénio potencialmente mortal. Há pessoas que ficam com urticária quando são expostas a pólenes, outras ficam com irritações emocionais quando são expostas aos fenómenos psi.

No entanto, talvez não seja só isso.

Afinal de contas, uma sondagem Gallup de 2005 demonstrou que quase 75% dos norte-americanos acreditam em pelo menos um fenómeno «paranormal», como os psíquicos, mas apenas 0,001% dos cientistas das universidades estão empenhados no estudo da realidade ontológica dessas experiências.²²

A questão é essa: *psi é magia*.

Ou seja, quando reduzimos a magia às suas formas essenciais, é justamente isso que o estudo psi investiga. Tanto o âmbito psi como a magia se referem aos mesmos fenómenos subjacentes relativos à consciência; ambos são marginalizados pela corrente científica dominante; ambos são considerados demoníacos pelas religiões ortodoxas; ambos são prevalentes no entretenimento popular; e ambos gozam de uma popularidade constante nos domínios académicos, mas apenas quando os fenómenos não são apresentados como *reais*.

A ideia de que tanto os fenómenos psi como a magia são duas faces da mesma moeda não é nova.²³ No entanto, as discussões de uma perspectiva neutra e científica são raras. Por exemplo, a antologia recente mais completa sobre as últimas descobertas no âmbito da investigação psi foi publicada em 2015. Intitula-se *Parapsychology: A Handbook for the 21st Century* (Parapsicologia: Um Manual para o Século XXI), mas a palavra *magia* nem sequer consta do índice. Por vezes, a relação entre psi e a magia é mencionada no contexto da antropologia, sobretudo no estudo de práticas xamanistas ou «primitivas». Porém, mesmo aí, apenas os radicais propõem que a magia xamanista é de facto *real*.

Os livros da autoria de praticantes de magia (do tipo verdadeiro, não de ilusionistas) por vezes mencionam a ligação entre os fenómenos psíquicos e a magia. A obra *Real Magic*, publicada por Isaac Bonewits em 1971, dedicava um capítulo à parapsicologia.²⁴ Todavia, o livro antecede em muito os avanços modernos nesse domínio e grande parte do capítulo era dedicada à discussão de neologismos que Bonewits criou para vários efeitos psíquicos.²⁵ A obra de 2005 *Postmodern Magic*, da autoria de Patrick Dunn, é mais representativa daquilo que os mágicos modernos têm a dizer sobre o domínio psi enquanto estudo científico da magia:

Procurar uma explicação científica para a magia é como tentar encontrar uma explicação científica para a poesia. A ciência simplesmente não estuda a magia, nem a pode estudar, tal como não pode estudar o fenómeno da «arte».²⁶

Como veremos adiante, Dunn é demasiado pessimista. Outro mágico moderno, Gordon White, menciona favoravelmente a relação entre psi e magia no seu livro de 2016 *Pieces of Eight*.²⁷ No entanto, White é perito em esoterismo e o seu livro, apesar de a valorizar, tende a encobrir a ciência relevante.

Em suma: 1) quase todos os livros e artigos académicos convencionais que mencionam o estudo psi ou a magia discutem-nos como convicções erróneas, ilusões ou aspetos da História antiga; 2) a literatura sobre a investigação psi ignora a magia; e 3) a literatura sobre magia ignora os fenómenos psi.

É uma situação estranha.

Calculei que, se os antropólogos podem estudar sem problemas as crenças mágicas daqueles a que chamam «selvagens», se os psicólogos são autorizados a investigar o motivo de as sociedades modernas ainda acreditarem em magia, e se os historiadores podem analisar as palavras utilizadas nos feitiços antigos, então certamente que no século XXI já teremos maturidade suficiente para utilizar a perspetiva da ciência para examinar a possibilidade da existência de magia real sem que o mundo enlouqueça (ou nós).²⁸

Nas palavras do rabino Moshe ben Maimon (1135–1204, também conhecido como Maimónides):

Cada vez que encontrar nos nossos livros uma história de realidade que pareça impossível, uma história repugnante para a razão e o senso comum, pode ter a certeza de que essa história contém uma alegoria profunda que oculta uma verdade extremamente misteriosa (...) e quanto maior for o absurdo a nível literal, mais profunda será a sabedoria do espírito.²⁹

A MAGIA É REAL E ESTÁ EM TODO O LADO

Este livro não é sobre a magia plena de luz, cor e ação tão popular nos filmes. Também não é sobre a magia fraudulenta dos vigaristas. Aqui não irá encontrar relatos de raios disparados a partir da ponta dos dedos, nem histórias de feitiços lançados à boleia de vingança, e muito menos descrições de combates aéreos com vassouras, truques, ilusões ou outros efeitos especiais. Esta é uma outra magia. Esta é a magia verdadeira.

Com esta obra afastam-se também os estereótipos: a magia não é apenas a aquisição de um poder egoísta. Ela pode ser usada para curar, aconselhar, aumentar a sobrevivência e mitigar o sofrimento.

O Dr. Dean Radin leva o leitor numa interessante viagem sobre a história da magia ao longo dos séculos, desde os primórdios até à atualidade. Apoiado na divulgação de diversos exemplos e relatos, o especialista em Parapsicologia demonstra a sua inabalável convicção de que a magia é um aspeto natural da realidade e que qualquer um pode aceder a ela, desde que com a devida prática e insistência.



«Um livro que incita ao pensamento.
O autor defende de modo convincente
a realidade e o significado da magia.»

Dr. Brian Josephson, Prémio Nobel da Física



FAROL
a luz da sua vida

20|20 editora

ISBN 978-989-8873-82-8



9 789898 873828

Espiritualidades